

CANTOS DA VIDA

Histórias e Poemas de Jura Silva



Itamar Silva (Org.)

2023

CANTOS DA VIDA

Histórias e Poemas de Jura Silva

REGISTRO DIREITO AUTORAL

Itamar Marques da Silva (Org.)
Textos selecionados dos manuscritos de Juracy M. Silva
Digitação: Itamar M. Silva
Diagramação: Itamar M. Silva
Capa: Itamar M. Silva
ISBN: 978-65-00-88737-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cantos da vida : histórias e poemas de Jura
Silva / organização Itamar Silva. --
Blumenau, SC : Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-88737-2

1. Poesia brasileira I. Silva, Itamar.

23-184518 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Blumenau - 2023

© copyright "Todos os Direitos Reservados"



À rememoração do mui amado genitor meu, Jura Silva, que transpôs o umbral da existência legando-nos um legado de afeto, erudição e vitalidade por meio de suas suntuosas narrativas e rutilantes versos. Este tomo é uma reverência ao seu espírito perscrutante e avassalador, configurando-se, ademais, como expediente perene à consubstanciação de sua influência em nossas efêmeras trajetórias. Anelo que vossa sabedoria e poesia ininterruptamente possam incitar as sucessivas eras, tal como o feito em mim.

Itamar Silva (Org.)

Sumário

Prefácio **8**

Introdução **10**

1. DOUTORA JANE ***Autor: Jura Silva*** **13**

PRÓLOGO ***Doutora Jane*** **14**

ENTRE TRAGÉDIAS E AMOR ***A Jornada de Fred e Jane*** **28**

EPÍLOGO ***Doutora Jane*** **97**

2. MANANCIAL DE POEMAS ***Autor: Jura Silva*** **101**

3. VENCENDO BARREIRAS ***Autor: Jura Silva*** **197**

PRÓLOGO ***Vencendo Barreiras*** **199**

VENCENDO BARREIRAS ***Relatos de minha existência.*** **203**

EPÍLOGO ***Vencendo Barreiras*** **237**

Prefácio

Cantos da Vida: Histórias e Poemas de Jura Silva é uma seleção requintada de escritos e versos do eminente Jura Silva (*in memoriam*), meu estimado progenitor. A edificação desta obra revelou-se um desafio cativante, no qual deparei-me com mais de um milhar de páginas manuscritas, abrangendo poesias, canções, histórias e outros apontamentos, alguns estruturados por títulos, outros soltos e inacabados. A tarefa de eleger as narrativas e poesias que comporiam as páginas desta *magnum opus* foi difícil, mas gratificante, pois assemelhou-se a estar à mesa, ouvindo-o contar essas histórias e declamar esses versos exclusivamente para mim.

O ápice do desafio consistiu em escolher um título que capturasse devidamente a essência desta obra. "*Cantos da Vida: Histórias e Poesias de Jura Silva*" é o título eleito. Ele carrega consigo uma carga semântica singular na língua portuguesa, transcendendo os limites do simples canto vocal e se estendendo a toda uma vida de um poeta itinerante.

A voz de Jura Silva embalou-me ao sono na minha infância e, junto com os acordes do violão, levou alegria e encanto às pessoas. É com essa sonoridade inconfundível e afinada que selecionei seus escritos para esta obra. E, por vezes, suas cantorias permearam alguns desses poemas nas minhas reminiscências.

Além de se referir à sua voz, o termo "cantos" também se relaciona com as regiões geográficas por onde Jura Silva percorreu, levando alegria e vida como um poeta itinerante. De forma romântica e poética, ele incorporou as peculiaridades culturais das regiões do Brasil por onde passou.

Ademais, *Cantos da Vida* possui uma dimensão ontológica que representa as múltiplas facetas da existência humana exploradas por Jura Silva de forma sensível e profunda em seus escritos. Ao selecionar e compor esta obra, busquei retratar todas as dimensões da vida: espiritual, biológica, psíquica e social. Cada canto – seja ele musical, geográfico ou ontológico – é um fragmento vivo da vida de Jura Silva, expresso em forma de poesia e histórias, e cada um é igualmente relevante para compreender sua obra como um todo.

Esta obra tem como propósito primordial difundir os escritos de Jura Silva a um público mais abrangente, salvaguardando o seu legado e instigando novas gerações a contemplar com deleite suas poesias e histórias. É uma homenagem nobre e tocante, proveniente deste filho, ao espírito criativo e inspirador que residiu em seu amado progenitor, legando-nos um valioso patrimônio repleto de afeto e sabedoria.

Itamar M. Silva (Org.)
Blumenau / SC

Introdução

Itamar M. Silva (Org.)

Este magnânimo tomo se encontra discretamente segmentado em três seções primordiais. A primeira, com sua eminente narrativa, entrelaça os fados de Jane e Fred. Uma trama na qual o emérito autor Jura Silva delicia-se ao explorar os recônditos geográficos do vasto Brasil, principiando pelo quadrante sudestino, deslizando com veemência rumo ao sul, erguendo-se ao aprazível ângulo setentrional da nação, onde jaz a imponente selva amazônica, para então regressar ao acolhedor recesso do sudeste brasileiro.

Nesta magistral narrativa, o notável autor alça voo aos confins dos sentimentos, desvelando o canto da dor, da perda, porém não se furtando ao canto do amor e da esperança. O envolvente enredo de Fred e Jane deixa entrever a possibilidade de transpor os abismos que segregam os diversos estratos sociais. Ademais, trata-se de uma história permeada de mistério, responsabilidade ambiental, superação e amor.

A segunda seção deste opulento volume é dedicada aos poemas fulgurantes de Jura Silva, o poeta itinerante que, com sua alma insigne, adentra sem escrúpulos cada recanto deste mundo, explorando os mais variados cantos da cultura. Apesar de a ordem poética não se conformar aos manuscritos

originais do autor, uma vez que, na composição desta magnânima obra, optou-se pela seleção em blocos, constam neste livro todos os poemas que o próprio autor escolheu para compor aquilo que, ainda em vida, ele batizou de “Manancial de poemas”.

A terceira seção é um canto mais específico da vida do autor, onde ele mesmo faz minucioso relato dos acontecimentos que o permearam. A epístola "Vencendo barreiras" assemelha-se a uma autobiografia de Jura Silva, quase um regozijo aos leitores mais ávidos por conhecer os meandros de sua existência.

Alguns pormenores de certas histórias descritas por Jura Silva permanecem em suspenso, o que revela a agudeza perceptiva e delimita o escopo do autor. Face a tal constatação, a organização desta obra optou por preservar a autenticidade do autor. Diversos pormenores estão intrinsecamente interligados a outras narrativas e poemas. Por conseguinte, mergulhar neste exemplar é desvelar uma novidade a cada nova leitura, um presente que se renova incessantemente.

1. DOUTORA JANE

Autor: Jura Silva

PRÓLOGO
Doutora Jane

Em uma cidade pequena do interior do estado de São Paulo, mais precisamente em Rincão, perto de Araraquara, eu, Frederico - o Fred, como era conhecido por todos desde a infância - estava completando 32 anos de idade. Meus amigos comemoravam comigo ao som da viola, aplausos, cantos e muitas piadas. Não sabia eu que neste mesmo dia, nascia em Campinas uma pessoa chamada Janilda. Depois falarei desta pessoa, com referência às mulheres.

A minha vida foi assim: vou contar toda a história. Eu, desde criança, fui dedicado à construção civil, sendo pedreiro construtor. Peguei uma casa para fazer e ajustei um servente bom companheiro, era o Valdomiro, casado com Idalina que estava grávida, esperando o primeiro filho ou filha, que seria a alegria do casal. Eu queria muito bem a este casal, por vários motivos: além de ele trabalhar comigo, ela fazia alguns trabalhos para me ajudar financeiramente.

Nos fins de semana, eu ia nas festinhas com roupas bem limpas, engomadas e passadas, que Idalina ajudava a preparar. Este casal vindo de Minas Gerais e ela já não tinha mais pai e nem mãe, era o que eu ouvia deles. Naqueles dias, algumas coisas de mal vieram nos acontecer infelizmente. O

Valdomiro sofreu um acidente de trabalho e veio a falecer. Fiquei em dificuldade no serviço, com Idalina que ficou na minha responsabilidade, estando ela no sexto mês de gestação.

Ela chorava muito a falta do companheiro e também por não ter para onde ir. Então, achei por bem e por certo, fazer o que eu podia por Idalina. Prometi a ela alimentos, remédios e também cuidar do seu pré-natal. E após quarenta dias do nascimento do filho ou filha, as coisas tomariam um novo rumo, o qual nem eu mesmo sabia o que seria.

Por esse espaço de tempo, eu sempre visitava ela, que aos poucos se conformava com a realidade. Mesmo assim, ela continuava a me ajudar com algumas tarefas domésticas. Eu sempre dizia a ela: tenha calma e paciência para não abalar o bebê. Você não está só, eu estarei ao seu lado mesmo nas horas de dor e dificuldade. Tenha certeza: Idalina era uma pessoa sincera, honesta e, por que não dizer, bonita também. E assim chegou o dia em que a levei ao hospital-maternidade para dar à luz. Ao deixá-la, ela me olhou com um olhar de agradecimento e disse: "Em minha vida, primeiro Deus e depois você, que não deixa nada a dever em termos de bondade", e eu respondi: "Este é meu jeito de ser, é também o meu dever. Amanhã voltarei para levá-la com o bebê. Fique em paz."

No outro dia, eu estava mais uma vez assinando os termos de responsabilidade de entrada e saída da mãe e da

filha. A pequena Beatriz nasceu com 3 kg e 400 g, uma linda menina. Naquela época, eu tinha um carro que nos esperava estacionado na frente do hospital. Quando ela se acomodou no banco, eu fechei a porta e notei que ela chorava de tristeza e alegria simultaneamente. Sem fazer comentários, eu dirigi em silêncio enquanto pensava em como ajudá-la, considerando que ela tinha acabado de passar por uma cesariana e teria dificuldades em cuidar da criança sozinha.

Decidi então parar o carro em frente à minha casa e convidá-la para entrar. Tomei a bebê dos seus braços como se fosse meu próprio filho. Ela me acompanhou em silêncio, enquanto eu a levava para um quarto vago da minha casa, oferecendo-lhe um lugar para descansar. Eu disse para Idalina: "Este quarto é seu, pode descansar sossegada. Agora irei buscar seus pertences". Ela me fez um sinal afirmativo. Parecia que ela pensava: "Melhor ficar em silêncio e aguardar os acontecimentos futuro".

Respeitava aquela mulher como se fosse da minha família. A minha casa estava sempre limpa e a comida pronta. A pequena Bia, esperta e cheia de saúde, começou a brincar comigo, e essa criança era como se fosse minha própria filha. Idalina admirava ao ver o quanto eu gostava da pequena Bia. Eu já não sentia mais vontade de sair a lugar algum nos fins de semana, mas longe de mim estava o pensamento de mandar embora a Idalina e a filha da minha casa.

60 dias após o nascimento da pequena Beatriz, sabia que era sábado. E ao chegar do trabalho, fui até ao mercado comprar alimentos. Foi quando Idalina me viu brincando com Bia. Quando me virei, a mãe estava nos olhando e pela primeira vez, vi um pequeno sorriso de Idalina. Ela parecia um pouco sem jeito e me disse: 'Hoje é sábado, vai sair com os amigos. Sua roupa está pronta em cima da cama.' Foi quando eu olhei para Idalina e disse: 'Você se lembra que eu disse que, após os 40 dias do nascimento da Bia, as coisas tomariam outros rumos?' 'Lembro', respondeu ela. 'E no entanto, não só 40 dias, mas já se passaram 60 dias. Pois bem, conceda meu direito de falar o que penso.' 'Sim, pode falar', disse ela.

Foi então que abri minha boca com tal decisão. 'Te peço perdão pela minha franqueza. Não olhe para trás, o passado já não volta mais. Sabe, Idalina, estou com sede, mesmo vivendo ao lado do manancial das águas. Meu desejo é criar a Bia, mas para isso é preciso que a mãe da Bia esteja ao meu lado em tudo e por tudo. Você aceita?'' Ao olhar para a encantadora mineira, vi as lágrimas em seus olhos enquanto ela respondeu: "Eu já sou sua, vamos seguir juntos. Se você gostar de mim mesmo que seja metade do que gosta da Bia, será suficiente."

Naquele momento, nós dois nos entendemos sem precisar de mais palavras. A única coisa que brilhava era o olhar amoroso e alegre de Bia. Nós vivemos felizes por quase

seis anos, mas a vida é cheia de altos e baixos. Às vezes, estamos em um momento bom, e em outros momentos, nem tanto. Infelizmente, em certo ponto da nossa vida, Idalina faleceu, deixando um grande vazio em nossos corações. Mesmo assim, eu tinha Bia comigo, uma criança linda que eu considerava minha filha.

No entanto, a família de Bia, que morava em Araraquara, decidiu levá-la para morar com eles. Isso fez com que eu me sentisse ainda mais sozinho e triste. Foi quando um amigo me convidou para visitar as praias do Paraná, onde havia muitas oportunidades para pedreiros como eu. Decidi me mudar para Guaraqueçaba e recomeçar minha vida por lá.

Não sabia que a felicidade ainda estava por vir em minha velhice. Como seria isso? Como seria?

Em um belo sábado de manhã, com um calor intenso, e eu decidi levantar bem cedo para aproveitar a frescura da grama e respirar ar puro. Saí de casa e resolvi fazer uma pequena caminhada pela areia da praia, enquanto recordava com nostalgia as boas experiências que tive no passado, elevando meu astral e me deixando cada vez mais motivado para o dia que se iniciava.

Enquanto caminhava, comecei a refletir sobre a complexidade do corpo humano, concluindo que cada membro do nosso corpo é irrigado pelo sangue oxigenado que o coração envia por várias das nossas veias. Então fiz algumas analogias entre o coração e nossos sentimentos,

lembrando que o coração é como o centro de uma cidade, um órgão vital que não suporta pressão excessiva, pois pode parar e desmoronar toda estrutura, vindo a cair por terra e não se levantar mais.

Meus pensamentos seguiram um caminho de reflexão bonito e profundo, e ainda pude concluir que todas as águas dos rios e mares estão interligadas, inclusive as nossas lágrimas, que se misturam com a chuva e chegam aos oceanos. A única diferença é que eu voltaria para casa, que era o meu ponto de partida. Às vezes, nossos pensamentos voam para longe, como se estivéssemos a milhões de quilômetros de distância, e outras vezes, eles estão bem debaixo dos nossos próprios pés.

Foi nesse momento que vi uma pessoa à minha frente, uma mulher com uma saia branca e blusa amarela e cabelos soltos pelos ombros. Ela parecia estar em um momento de reflexão profunda, ou talvez em uma prece, pois suas mãos estavam unidas em posição de respeito.

Ao me aproximar, percebi que a pobre mulher estava chorando, suas lágrimas eram constantes. Tentei falar com ela para ajudá-la, mas não recebi resposta. Ela continuou a chorar ainda mais, o que me deixou bastante angustiado. A mulher parecia ter cerca de 40 anos e era muito bonita, aos meus olhos. Insisti em ajudá-la, mas ela respondeu: "Não, você não pode me ajudar".

Tentei mais uma vez, mas ela disse: "Deixe-me chorar, é o meu direito". Segui em frente, pensando que talvez ela fosse uma deusa do choro, que espera alcançar seus objetivos por meio das lágrimas. Quando estava a alguns metros de distância, ela me chamou: "Homem, volte aqui e repita o que você disse, para que eu entenda melhor".

Então eu repeti: "Eu disse que você deve ser a deusa do choro que espera alcançar seus objetivos por meio das lágrimas". Ela respondeu: "É verdade, é o que estou fazendo. Vá com Deus". Segui caminhando e pensando sobre aquela mulher e o motivo de tanto choro. Será que era por um homem, um amor, pelos filhos ou por uma joia perdida? O certo é que todos os dias a via chorando no mesmo lugar, de frente para o mar. Alguma coisa devia ter a ver com o mar e isso eu já tinha certeza.

Os dias passaram e a mulher continuou a chorar no mesmo lugar, em um ritual diário. Em uma certa manhã, a encontrei na rua, em seus afazeres diários. Prestei bastante atenção em suas ações e pude notar que ela era realmente muito bonita, principalmente quando não estava chorando. Ao me ver, acenou gentilmente e eu correspondi educadamente.

Eu sabia o horário de seu ritual diário de choro na praia e, um dia, resolvi segui-la discretamente. Mas para minha surpresa, um grande temporal veio e ela acabou deixando cair seus pertences e correndo. Ao ir embora,

deixou cair um caderninho que acabei pegando. Era como se fosse o diário de sua vida.

Levei-o para casa e, por curiosidade, comecei a folheá-lo. E para minha surpresa, ali estavam todas as respostas que eu desejava saber sobre a vida daquela mulher.

Ao ler cuidadosamente as páginas molhadas daquele caderninho, fiquei surpreso ao descobrir que o nome da protagonista era Deusa Maria da Cruz. Para mim, foi um fato curioso e interessante descobrir que ela se chamava Deusa. Afinal, esse nome foi usado por mim quando a encontrei chorando na areia da praia pela primeira vez. Naquela ocasião, a chamei de "Deusa do choro".

Descobri também que Deusa era filha única de Mariano da Cruz e Maria Torres da Cruz. Infelizmente, sua mãe faleceu quando ela tinha apenas 12 anos, vítima de tuberculose. Seu pai era um pescador que trabalhava no mar todos os dias para sustentar a família.

Certo dia, quando Deusa voltou da escola, encontrou sua mãe agonizando com uma forte dor no peito e nas costas. Ela correu para chamar a vizinha, mas infelizmente sua mãe faleceu diante de seus olhos. Antes de partir, sua mãe deixou-lhe com algumas palavras de carinho e sabedoria: "Minha filha, cuide bem do seu pai, ele vai precisar muito de você. Além disso, minha amiga Dona Rosa irá te ensinar como deve ser o comportamento apropriado de uma jovem em sua Mocidade. Um beijo, minha filha, adeus."

Deusa ficou desesperada e a casa encheu-se de pessoas solidárias. Seu pai só voltou à noite e, ao ver a cena, também ficou em desespero. No dia seguinte, Deusa viu sua mãe pela última vez, sendo levada ao cemitério. A partir desse dia, sua vida foi preenchida por dor, saudade, sofrimento e lembranças da sua mãe.

Nas páginas do caderninho, Deusa descrevia como se tornou uma jovem cuidando do seu pai e da casa, e como seu pai desejava vê-la casada com alguém em quem ele confiasse. Deusa nunca acreditou em pretendentes que a queriam apenas como objeto a ser descartado, por isso chegou aos seus 40 anos sem se casar. Ela sempre soube que merecia mais do que isso, que ela merecia amor e respeito.

Deusa relatava como havia namorado um rapaz que sempre mudava a data do casamento, até que um dia ele simplesmente desapareceu. Foi sua primeira decepção com o amor, mas ela aprendeu com essa experiência que não deveria se contentar com nada menos do que um relacionamento saudável e respeitoso.

Ela continuou se alimentando de esperanças, pois casar e ter seu próprio lar sempre foi seu sonho. Mas ela nunca permitiu que ninguém a usasse como objeto descartável, o que a levou a permanecer solteira. Deusa sabia que seu valor não estava em ser casada, mas em ser uma pessoa forte e independente.

Finalmente, aos 40 anos, um amigo do seu pai, Marcos, surgiu em sua vida. Deusa depositou sua confiança nele e acreditava que ele seria seu futuro parceiro. Em um sábado, Marcos veio conversar com seu pai sobre o relacionamento e Deusa os viu muito felizes juntos. Porém, infelizmente, o destino reservava algo diferente para ela.

No caderninho, Deusa relatava que seu pai e Marcos partiram para pescar em alto mar. Mas naquele dia, um grande temporal se formou, e às 10:00 da manhã, o céu ficou escuro, o mar ficou revolto e as ondas se tornaram impiedosas. Nem seu pai nem Marcos voltaram, deixando Deusa em desespero. Eles planejavam ter um futuro juntos, mas infelizmente, durante uma tempestade no mar, tanto seu pai quanto seu futuro parceiro, Marcos, desapareceram.

No dia seguinte, Deusa foi até a praia para chorar e lá ouviu uma voz baixinha dizendo que ela era forte e que não deveria desanimar. A voz lhe prometeu que seu grande amor sairia das águas. Desde então, Deusa chora todos os dias naquele mesmo lugar, que ela chama de "lugar do meu pranto".

Naquela cidade litorânea de Guaraqueçaba, onde há uma colônia de pescadores, também existia uma casa humilde, porém charmosa, onde morava a senhora Deusa, que vendia bolinhos de peixe nas ruas ao meio-dia. Todos os dias, após vender seus quitutes, ela retornava para casa com a

cesta vazia e seguia para um local especial para ela, onde podia meditar e refletir.

Assim como todos nós, eu, Frederico, também tenho uma história de vida para contar. Trabalhava como pedreiro em Guaraqueçaba, cidade modesta no litoral do Paraná. Certo dia, fui até a colônia de pescadores procurar a Deusa, para devolver um caderninho que ela havia deixado cair na praia no dia da tempestade. Quando ela me viu, me cumprimentou educadamente e perguntou se eu era aquele que a chamava de deusa. Respondi que sim e me apresentei como Fred, o pedreiro, que é como todos me conheciam por lá.

Entreguei o caderninho que tinha encontrado e ela agradeceu imensamente, pois o caderno era importante para ela registrar suas ideias e pensamentos, bem como os acontecimentos de sua vida. Deusa, com toda a gentileza, me convidou para entrar em sua casa, mas tive que recusar a oferta, pois precisava ir para o trabalho. No entanto, deixei claro que ela podia contar comigo sempre que precisasse, e que éramos amigos. Nos despedimos com um sorriso e promessas de nos vermos novamente.

A partir desse dia, começamos a nos aproximar e nossa amizade cresceu. Quando eu a encontrava em seu momento de reflexão na praia, esperava um tempo e depois conversava com ela. Eventualmente, acabamos nos apaixonando e nos casamos, vivendo uma vida muito boa por um tempo.

Infelizmente, mais uma tragédia ocorreu em minha vida, mas isso contarei mais adiante.

Como a deusa sabia que seu amor viria do mar? Bem, enquanto ela fazia suas orações diárias, eu estava em um barco com um amigo, pescando no mar. Infelizmente, ocorreu um imprevisto e o barco quebrou em meio às fortes ondas, e acabamos na água. Por sorte, conseguimos chegar à praia em segurança. Foi então que a voz divina que a deusa ouvira se cumpriu, e seu amor surgiu do mar. Eu e ela nos casamos e tivemos nossos dois filhos queridos, Jorge e Ana.

Posteriormente, decidimos mudar-nos para Campinas, em São Paulo, onde trabalhei como pedreiro, enfrentando inúmeras dificuldades financeiras. Nossos filhos tiveram acesso a alguma educação. Apesar das dificuldades, sempre amei a natureza e a criação do Grande Arquiteto do Universo, contemplando as flores, bosques e animais de maneira profunda. Sempre fui um defensor do meio ambiente, apesar de ter testemunhado muita destruição ao longo dos anos.

Infelizmente, quando já tinha 62 anos, ainda trabalhava como pedreiro, pois não consegui acumular o suficiente para me aposentar. E foi nessa época que ocorreu a pior tragédia: minha esposa, minha deusa, foi atropelada quando voltava do mercado. Sua morte foi um grande choque para mim, pois ela era uma esposa amorosa, fiel e dedicada, além de ser uma mulher excepcional. Como já